



A TRANSIÇÃO ENERGÉTICA NO CAPITALISMO: LIMITAÇÕES DAS ENERGIAS RENOVÁVEIS E PERSISTÊNCIA NO MERCADO DE CARBONO

NICIANE PEREIRA ALVES; FERNANDO LEITÃO ROCHA JUNIOR; KARLA DIAS DE LIMA

RESUMO

A terra está passando por crise climática provocada pela interferência do homem na natureza. Somente um debate rico para encontrar soluções perante atual cenário, onde o ser humano visa a natureza como matéria prima para produção de mercadorias orientado pelo valor econômico. O aquecimento global está presente, as geleiras estão derretendo e elevando o volume de água do mar, chuvas concentradas, desertificação, calor intenso e queimadas, destruição das matas e diversidades ecológica. São populações desabrigadas, mortas, passando fome, doente. A crise tem carácter de urgência, as consequências do efeito estufa provoca desastres em todas as partes do globo. Mas a parte econômica interfere, metamorfoseia tudo em comércio e não há solução eficaz no combate ao enfrentamento do aquecimento global. Todas as nações e povos são responsáveis pela transição energética fósseis para as fontes limpas; mas as forças que regem com o imperialismo do capital nos centros impedem que as matrizes periféricas sejam atualizadas e provoca desigualdade entre centros, periferias. As fontes renováveis são abundantes, no caso brasileiro, capaz de baratear o consumo de energia e chegando ao acesso até as classes populares; o qual tornaria acessível para todos em forma de qualidade de vida, saúde, habitação adequada e atributo para educação de qualidade. Uma sociedade de interação com o meio ambiente, consciência revolucionária com relação ao sistema atual poderá ser melhor solução para as crises ambientais existentes. Restam aos homens não provocarem sua própria extinção, acabando com o planeta; pois as tentativas de encontrar novas moradas não têm sentido se já existe um planeta adequado aos seres vivos e compete a humanidade a tarefa de regeneração da Terra. De forma harmônica, respeitosa com a natureza e também com os seres humanos; para ter mais saúde, habitação, saneamento básico, alimentos saudáveis para acabar com a fome. Ter condições mais humanitárias aos enfrentamentos de supostas crises futuras que poderão surgir e não reviver o passado de mortes exorbitantes que aconteceu no mundo inteiro com a covid 19. Pois a conservação do meio ambiente pode ajudar amenizar as altas temperaturas e evitar os vírus prejudiciais à saúde dos seres humanos; contribuindo também na conservação das fontes de água doce.

Palavras chaves: crise climática; matéria prima; mercadorias; aquecimento global; imperialismo.

1 INTRODUÇÃO

Os bens naturais transformados através do modo de produção capitalista contemporâneo, abstraindo riquezas em acumulação com a superexploração do trabalho humano, sobretudo no sul global pela existência de grande massa de desemprego estrutural e em incosonância com a preservação ambiental. Por intermédio de extração de minérios, monocultura em grande escala, velocidade máxima e visando mercado externo.

Importante literatura ecossocialista, que englobam a exploração do meio ambiente, as consequências que recai sobre a sociedade. Debate rico de ordem marxiana que explica

categoricamente sobre o desequilíbrio ecológico, das eventuais consequências que essa problemática efetua em ordem social e essencialmente pelos trabalhadores brasileiros.

Moore (2020) contribui em seus estudos como o capitalismo afeta a economia, sociedade e ecologia. Argumenta que a “ecologia-mundo”; onde a natureza, sociedade estão intrinsecamente conectadas e se influenciam mutuamente, abordagem que desafia a visão tradicional que separa natureza da sociedade. O autor também propõe o termo “Capitaloceno”, acredita ser termo que traduz sobre crise ecológica atual em consequência do sistema capitalista e não simplesmente pela atividade humana em geral chamada de “Antropoceno”.

Em resumo, Moore (2020) oferece uma perspectiva inovadora que integra a ecologia, economia política para entender como o capitalismo se ajusta ao explorar a natureza, pois em seus pressupostos a natureza interage e resiste ao capitalismo.

Nos acordos, convenções que são realizados em ordem global, fica esclarecido que todos os países devam contribuir para diminuição das emissões carbono (CO₂) na camada de ozônio, por provocar o efeito estufa e o aquecimento global.

Nas contribuições de Barreto (2018), fica evidente as estratégias que mitigam a transição das matrizes energéticas para fontes renováveis; provoca aumento do consumo periférico de energias fósseis por serem mais lucrativas para os países imperialistas.

Já Foster (2023) contribui com uma nova concepção de materialismo em Marx, que fala da interação do homem com a natureza em suas relações coletivas, cuja o capitalismo promove uma separação populacional, cultural de exploração fundiária no campo e na Cidade que consiste na debilidade do planeta. Que precise de uma visão ecológica de transição socialista para eliminar a divisão social e técnica do trabalho para recuperação do solo e da terra.

O estudo de Servulo (2019) engrandece o conjunto crítico da economia política Marxista com os fundamentos históricos da propriedade privada ao juntar trabalho, natureza até a sua destruição.

São reflexões ricas teoricamente que contribuem na análise crítica da atual transição energética brasileira e responde da seguinte questão problema: Será que a transição de energias renováveis está sendo efetiva a tempo de evitar o problema das emissões de CO₂?

Com objetivo de verificar as falhas das políticas públicas atuais brasileiras e ao mesmo momento contribuir ao evidenciá-las para corrigi-las e torná-las eficientes à população e na conservação do meio natural. Pois há grandes possibilidades do atual modo de produção social não conseguir intervir a tempo da Terra chegar aos seus limites e sucumbir ao ponto de ceifar a existência humana.

2 METODOLOGIA

Foi feito uma pesquisa com abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivos exploratório e procedimentos bibliográficos; com finalidade de averiguar análise crítica, interpretativa sobre o caráter da transição energética atual e se o mercado de carbono contribui efetivamente na resolução de problemas do aquecimento global.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O consumo de energia mundial aumentou 80% entre 1973 e 2006, se destacando energias fósseis na geração com distribuição desigual nos custos e preços. O comércio é ditado pelos países Imperialistas após o aumento de oferta em 1978, porque os países pertencentes Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) já não detinham controle dos preços; causado pela descentralização da indústria em termos geológicos, provocado pelos países não pertencentes a OPEP como exemplo o Brasil que explora reservas de petróleo, na ausência de tecnologias para refinar, vende externamente para depois importar mais caro pelo refinamento. O fator de crescimento energético induz mudanças tecnológicas, reduz nos custos da energia,

substitui trabalho e gera economia; assim o fator principal nas políticas climáticas e energéticas é o pensamento ortodoxo. (BARRETO,2018)

Países periféricos como Brasil, o Estado estimula consumo com políticas de acesso ao crédito, transfere dinheiro público aos bancos e instituições financeiras. Concentração, centralização de capitais, amplifica as sequelas ambientais no Sul global, as massas sociais populares não conseguem acesso às tecnologias renováveis e mantem fontes fósseis por serem economicamente acessíveis. Segundo dados da IEA, 60% das emissões globais são da queima de carvão, petróleo e gás natural, dos quais apenas 5,7% foram reduzidos em trinta e seis anos. As estratégias de redução do CO₂, com a flexibilização do Protocolo de Quioto cria mercado de carbono e provoca desaceleração da matriz energética para fontes renováveis; o mercado do carbono existe em diversos países, são implantados de acordo com base em suas tecnologias (BARRETO,2018)

Ao desmatar florestas, ocorre aumento das emissões de CO₂. Quando interfere no habitat natural para produção de carvão, aumentar solo para monocultura, exploração da madeira e entre outras. Na ocasião em que impõe a economia no meio de produção, torna-se antiecológica, ao introduzir monocultura, provoca a precarização do trabalho, eleva poluição industrial, submete a sociedade uma ruptura com a natureza e favorece a hegemonia imperialista ecológica, modelo de dominação colonial. (SERVULO, 2019).

A crise ecológica atual é resultado do sistema capitalista, não simplesmente da atividade humana em geral, destaca Moore (2020). A perspectiva inovadora que integra a ecologia e a economia política é o capitalismo configurado pela natureza. Conceituada de “oikeios” da relação dinâmica, dialética entre as naturezas humanas e extrahumanas, onde a natureza é que se desenvolve com a atividade humana e resiste ao capitalismo.

Portanto, nas análises de Foster (2023), somente uma população consciente capaz de conter as explorações sociais do trabalho, que mantenha interação com a natureza é capaz de romper antagonismo entre cidade, campo, de comando burguês que terá condições de salvar o planeta e acabar com a crise climática.

4 CONCLUSÃO

Dentro do capitalismo não dá para ter transformação da matriz energética renovável capaz de acabar as emissões de carbono. Todos os autores concordam que o atual sistema é sustentado pela exploração do trabalho e expansão do capital. Os países que mantém hegemonia controlam comércio de energias fósseis, mantêm consumo nos países periféricos; cenário perfeito para o capital concentrar, centralizar, metamorfosear e se sustentar. A situação climática afetará sobretudo nas nações como o Brasil, dependente externamente, agroexportador de commodities, a exploração da natureza e minérios é predatória e voraz. Onde o lucro polui rios, causa doenças na população, provoca secas, mortes, fome e miséria.

Portanto a solução seria a transição para o socialismo capaz de ter um relacionamento do homem em comunhão com a natureza para viabilizar as fontes de energias limpas e ética, permitindo que as terras sejam comunais para todos e restaurando campo, cidade, agricultura, indústria. Colocando em evidência a reconstrução do ecossistema e resolução efetiva da crise climática.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Eduardo de Sá. O capital na estufa: para uma crítica da economia das mudanças climáticas. *In*: NIEP-Marx; v.4, Rio de Janeiro: Consequência,2018.

FOSTER, John Bellamy. A ecologia de Marx: materialismo e natureza/tradução: João Pompeu. 1ªed. São Paulo: Expressão Popular,2023.

MOORE, Jason W. El capitalismo en la trama de la vida. Ecología y acumulación de capital. 1ª ed. Madri: Traficantes de Sueños.2020.

SERVULO, Albertino B de S. Dialética da natureza em Marx: a crítica ambiental do ecossocialismo. Curitiba: CRV,2019.